

QUÉZIA MARIA LOPES GOMES DA SILVA RIBEIRO



UFF

2019

***CORPOS INVISÍVEIS: ENTRE A DOR E A POTÊNCIA***

QUÉZIA MARIA LOPES GOMES DA SILVA RIBEIRO

Trabalho de conclusão do curso de  
Licenciatura em Cinema e Audiovisual  
apresentada ao Departamento de  
Cinema e Vídeo do Instituto de Arte e  
Comunicação Social da UFF.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliany  
Salvatierra Machado – UFF.

Niterói, 2º semestre de 2019.

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

R484c Ribeiro, Quézia Maria Lopes Gomes da Silva  
Corpos Invisíveis : entre a dor e a potência / Quézia  
Maria Lopes Gomes da Silva Ribeiro ; Eliany Salvatierra  
Machado, orientadora. Niterói, 2019.  
50 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Cinema e  
Audiovisual (Bacharelado/Licenciatura))-Universidade Federal  
Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social,  
Niterói, 2019.

1. Memorial. 2. Documentário. 3. Cinema. 4. Poesia. 5.  
Produção intelectual. I. Machado, Eliany Salvatierra,  
orientadora. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de  
Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDD -

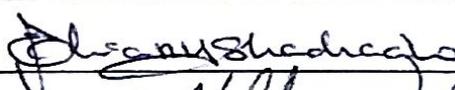
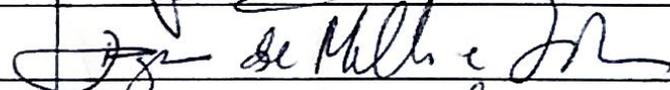
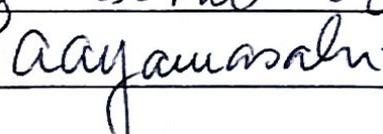
**PARECER DA BANCA EXAMINADORA**

Aluno(a):	Quêzia Maria Lopes Gomes da Silva Ribeiro
Matrícula:	41057011

<b>TÍTULO</b>
“Corpos Invisíveis”: entre a dor e a potência

<b>BANCA EXAMINADORA</b>	
Prof <sup>a</sup> Orientador <sup>a</sup> :	Eliany Salvatierra Machado
Examinador 1	Dagmar de Mello e Silva
Examinador 2	Alice Akemi Yamasaki

<b>PARECER</b>
<p>É um trabalho que rompe com a racionalidade positivista, usado.</p> <p>Um texto que nos afeta, que chega pelo campo dos sentidos.</p> <p>A banca destaca a originalidade e a potência educativa feminista e anti-racista.</p>
<b>DATA:</b> 10/12/2019 <b>NOTA FINAL:</b> Dez

<b>ASSINATURAS DA BANCA</b>	
Prof <sup>a</sup> Orientador <sup>a</sup> :	
Examinador 1	
Examinador 2	

Ao meu pequeno Nicholas,  
que quando nasceu, fez viver e morrer uma parte de  
mim.

A cada mulher negra que lutou antes de mim e a cada  
uma que ainda lutará depois.

A você, Cabral, que leva sempre um pouco de mim quando me deixa também um pouco de ti.

A minha família, em especial minha mãe Graça e minha irmã Elisabeth, por estarem sempre aqui, comigo, cuidando do meu coração.

A minha equipe maravilhosa, especialmente minha produtora Rossandra Leone, que juntas abraçaram comigo este projeto e o fizeram possível.

A minha orientadora, Eliany Salvatierra Machado, que compartilhou comigo afeto, sabedoria, sensibilidade e muito incentivo.

A minha querida banca, professoras Dagmar de Mello e Silva e Alice Yamasaki, pelos encontros e aprendizados.



*Eu não estou indo embora  
Vou ficar aqui  
E resistir ao fogo  
(Sojourner Truth)*

*(...) se, para Sojourner Truth, foi necessário clamar “Não sou eu uma mulher?” em 1851, hoje as mulheres negras ainda são compelidas a expor a invisibilidade à qual nós temos sido relegadas.*

*(Angela Davis)*

## RESUMO

RIBEIRO, Quézia Maria Lopes Gomes da Silva. *Corpos Invisíveis*: entre a dor e a potência. Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliany Salvatierra Machado. Niterói: UFF/IACS, 2019. 50p. (Licenciatura em Cinema e Audiovisual)

O que farei aqui é rememorar a dor, mas também o afeto, as imagens poéticas que me curam a carne passando entre suas fissuras e sucos. O sangue que corre vermelho, mas também de tantas outras cores. Um cinema que me cura das dores que nunca se curam. Essa arte de transformar dor em imagem e palavra. Meus processos artísticos, muitas vezes, nasceram da dor, uma dor que é tantas vezes do indivíduo, do sujeito, mas também coletiva. Uma dor que é *minha* e *nossa*. É possível que este memorial não seja sobre memórias do meu processo artístico. Talvez, tudo aqui não seja da ordem da linguagem, da ordem do contar. É sobre sentir. É sobre feridas que não se curam, é sobre medos, anseios, sobre um mundo que me contaram tão injusto que foi preciso a arte para me curar. Talvez, a arte tenha me salvado. Essa arte de aquilombar-se entre outras mulheres. Nasce daí, o documentário *Corpos Invisíveis*, sobre a invisibilidade dos corpos negros femininos na cidade, na vida social. Ambas as obras, o memorial e o filme, não querem provocar apenas reflexões, mas afetos.

**Palavras chave:** Mulheres negras; invisibilidade social; cinema-afeto; arte-dor; documentário.

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1** - Jacques Arago. *Escrava Anastácia*, 1817-18  
Pág. 12

**Figura 2** – Releitura “Anastácia Livre”  
Pág. 15

**Foto Still 01**  
Pág. 18

**Foto Still 02**  
Pág. 19

**Frame 01**  
Pág. 26

**Foto Still 03**  
Pág. 33

**Foto Still 04**  
Pág. 34

**Foto Still 05**  
Pág. 35

**Fotos Still 06, 07 e 08**  
Pág. 36

**Foto Still 09 e 10**  
Pág. 37

**Foto Still 11**  
Pág. 38

**Foto Still 12**  
Pág. 39

**Cartaz 01**  
Pág. 40

**Foto Still 13**  
Pág. 41

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANCINE – Agência Nacional do Cinema

CCV – Coordenação de Monitoramento de Cinema, Vídeo Doméstico e Vídeo por Demanda

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IHA – Índice de Homicídios na Adolescência

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

RJ – Rio de Janeiro

SAM - Superintendência de Análise de Mercado

SP – São Paulo

## SUMÁRIO

### **Introdução – *como veias finas na terra***

Pág. 12

*awon itokasi iṣe ọna* – referências artísticas

Pág. 13

### **Capítulo 1 – *ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro***

Pág. 15

1.2. o corpo negro feminino num contexto histórico

Pág. 16

### **Capítulo 2 - *e eu não sou uma mulher?***

Pág. 25

2.2. corpos no mundo

Pág. 32

### **Considerações finais – *entre a dor e a potência***

Pág. 42

### **Referências**

Pág. 46

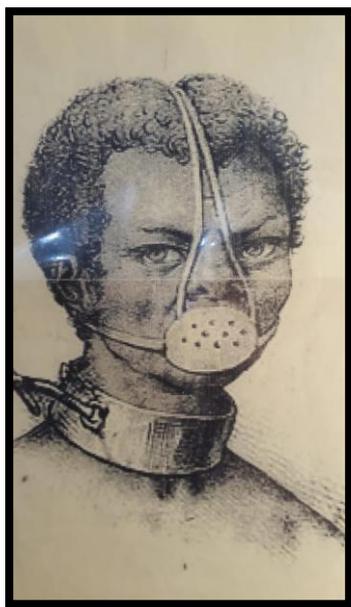
### **Anexo**

Pág. 49

A mulher negra guerreira está morta...

Pág. 50

## Introdução - *como veias finas na terra*



*COMO VEIAS FINAS NA TERRA*  
 Estes poemas cabem dentro do ruído  
 (gargantas abertas, crianças às voltas,  
 mãos cravadas na enxada curta)  
 Agora que habito um país de silêncio  
 Recolhida na cela fria e branca  
 De um certo momento da vida  
 Me entrego a recolher  
 A memória do grito  
 Os sorrisos alargados de antigas fêmeas  
 Soltas das amarras dos gritos  
 um poema  
 apenas um poema

(TAVARES, 2011: 242)

**Figura 1** - Jacques Arago. *Escrava Anastácia*, 1817-18  
 Escrava Anastácia sob castigo<sup>1</sup>

Faz um tempo que a arte tem sido para mim uma espécie de abrigo. Não sei falar do que não me apetece. Sei falar apenas do que me corre as veias e me fere a carne. Sei falar de um cinema de afeto, que faço com corpo e alma. Um cinema que me cura das dores que nunca se curam. Essa arte de transformar dor em imagem e palavra. Meus processos artísticos, muitas vezes, nasceram da dor, uma dor que é tantas vezes do indivíduo, do sujeito, mas também coletiva. Uma dor que é *minha e nossa*.

O que farei aqui é rememorar a dor, mas também o afeto, as imagens poéticas que me curam a carne passando entre suas fissuras e sucos. O sangue que corre vermelho, mas também de tantas outras cores. O corpo que morre, um corpo que nasce. Nós morremos todos os dias. Todos os dias, cai no chão um corpo preto e periférico. Todo dia, sangue e lágrimas. Todo dia, dor e raiva. E todos os dias levantamos de novo. Mas só parte de nós levanta, a outra parte já está morta. “Eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer” (EVARISTO, 2017).

<sup>1</sup> A escritora, teórica, psicóloga e artista interdisciplinar Grada Kilomba analisa amplamente esta imagem no primeiro capítulo do livro *Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism (Memórias do Plantation: Episódios do Racismo Cotidiano)*. KILOMBA, Grada. *The Mask. Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism*. Münster: Unrast Verlag, 2. Edição, 2010. Tradução: JESUS, Jessica Oliveira de. *A Máscara. Cadernos de Literatura em Tradução*, n. 16, pp. 171-180, 2014.

### *awon itokasi işe ọna – referências artísticas*

O documentário *Corpos Invisíveis*, referência para a escrita desse memorial, nasce um pouco da minha necessidade pessoal de compreender minha própria existência como mulher negra. Assim, ao mesmo tempo em que se define como uma necessidade pessoal, passa por uma demanda coletiva, própria do sujeito social, um sujeito histórica e socialmente ignorado e silenciado. O que deixamos de fazer, o que não nos foi permitido fazer ou o que fizemos com algum grau de dificuldade por ser mulher negra? O que é ser mulher negra no Brasil? O que é ser mulher negra em uma sociedade racista e patriarcal? O que é ser mulher negra numa sociedade fundada sobre a escravidão, patriarcalismo e colonialismo? Uma referência nesse sentido é o documentário *Outras* (2017), de Ana Julia Travia, exibido na Mostra Foco da 21ª Mostra de Cinema de Tiradentes. O filme trata do cotidiano de mulheres negras e registra “relatos diários de mães e filhas, algumas vivências se parecem, outras são excluídas. Como se entender mulher e negra numa cidade como São Paulo? Como me moldaram ou como posso me libertar desses moldes? Quem sou eu dentro de minha geração?” “Não importa o quanto somos ou queremos ser bons, mais do que resistir, eu preciso existir e ninguém existe sozinho”<sup>2</sup>. Esse “eu” que só existe na relação com o outro.

Em idas e vindas no meu processo artístico e de formação, conheci o documentário intimista *Elena* (2012), de Petra Costa. Foi uma referência importante para mim. Nas imagens e no texto, encontrei a dor e a letargia que os processos depressivos me faziam experimentar. Desse sentimento, nasceu, com *Corpos*, a proposta de que as sequências ficcionais e poéticas, que intercalam as entrevistas e depoimentos, costurassem as temáticas, afetos, pertencimentos, identidades, questões e problemáticas, apropriando-se de figuras de linguagem como a metáfora, a analogia e os simbolismos, por meio de performances e da poesia em primeira pessoa, em *voice over*.

Entre as referências de narrativas documentais, ainda no que diz respeito às entrevistas e assuntos abordados, me afetou muito a série de entrevistas *Diálogos Ausentes* (2017), do Itaú Cultural, que trata de questões étnico-raciais, racismo, identidade e a presença da mulher negra nas artes, com entrevistas de artistas negras

---

<sup>2</sup> Ambas as citações que se seguem neste parágrafo foram retiradas da sinopse do filme. TRAVIA, Ana Julia. [Entrevista]. In: BRASIL, Samantha; ALMEIDA, Catarina. *A Lente Escarlate*, 24 de janeiro de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=77vh9hsmZ3w&feature=youtu.be>>. Acesso em: 27 de janeiro de 2018, às 21h17min.

falando sobre seus processos artísticos; e a websérie *Nossa voz ecoa* (2018), com apresentação de Preta-Rara e roteiro e direção de Cibele Appes, que também aborda temáticas étnico-raciais e racismo, sobretudo na dimensão existencial e do ponto de vista da mulher negra.

Outra referência foi o documentário *Corpo Manifesto* (2016), de Carol Araújo, “que fala sobre mulheres, seus corpos e suas batalhas”, e apresenta suas reflexões plurais sobre temas relacionados à opressão da mulher, sexualidade e padrões de comportamentos impostos pela sociedade. “O filme explora de maneira poética as dimensões simbólicas do corpo e sua representação, costurando imagens de uma performance da artista Nina Giovelli e entrevistas de pensadoras e militantes feministas”. O documentário também “acompanha atos públicos feministas e mostra quem são e o que desejam as mulheres que ocupam as ruas”<sup>3</sup> e denunciam a opressão que sofrem, a fim de revelar a pluralidade e força de luta das mulheres.

A música e letra *Um corpo no mundo*, do álbum homônimo (2017) de Luedji Luna, foi outra que me atravessou e ficou, me levou a querer falar desse lugar de solidão e invisibilidade social, urbana na letra de Luedji. Levou-me a querer falar desse lugar onde não encontramos tantas iguais, esse deserto de afeto e pertencimento, um corpo no mundo que é (quase) invisível.

---

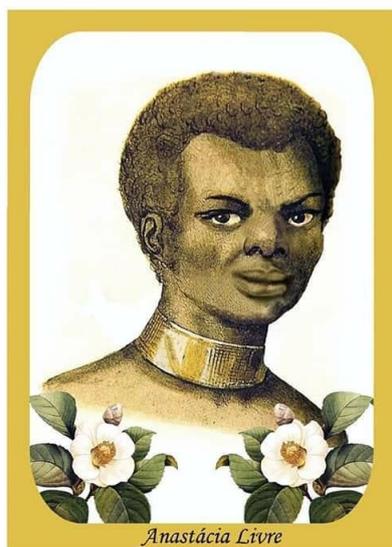
<sup>3</sup> Todas as citações que se seguem neste parágrafo foram retiradas da sinopse do filme. CORPO Manifesto, SP, 2016. Dir. Carol Araújo. In: PORTAL Curtas. Disponível em: <[http://portacurtas.org.br/filme/?name=corpo\\_manifesto](http://portacurtas.org.br/filme/?name=corpo_manifesto)>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2018, às 13h59min.

## Capítulo 1 – ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro

... lá onde és amado constrói a tua casa.

(Provérbio Kuanyama)

É possível que este memorial não seja sobre memórias do meu processo artístico. Talvez, tudo aqui não seja da ordem da linguagem, da ordem do contar. É sobre sentir. É sobre feridas que não se curam, é sobre medos, anseios, sobre um mundo que me contaram tão injusto que foi preciso a arte para me curar. Talvez, a arte tenha me salvado. Essa arte de aquilombar-se entre outras mulheres. Nasce daí, o documentário *Corpos Invisíveis*, sobre a invisibilidade dos corpos negros femininos na cidade, na vida social. Ambas as obras, o memorial e o filme, não querem provocar apenas reflexões, mas afetos. Reflito, aqui, sobre experimentações, enquanto afeto e sou afetada pela poética visual das duas obras, onde morre e nasce um pouco de mim. Assumo aqui um compromisso poético com o pensamento.



**Figura 2** – Releitura “Anastácia Livre”

Ilustração do artista visual Yhuri Cruz

No documentário *Corpos Invisíveis*, o corpo da mulher negra é tomado como espaço de resistência, enfrentamento e afrontamento do racismo e machismo estruturantes das relações sociais brasileiras. É sobre silêncios históricos que ainda precisam ser rompidos. Assim, num processo artístico coletivo, buscamos discutir o racismo, herança do passado escravocrata brasileiro, como estruturante da

invisibilização e inviabilização dos corpos negros femininos, bem como o machismo e a misoginia. O corpo negro feminino, histórica e socialmente, resiste em existir, mesmo hostilizado, discriminado, vilipendiado, invisibilizado.

## **1.2. O corpo negro feminino num contexto histórico**

Arrancados violentamente de seus territórios e de suas culturas em África (diáspora africana), subjugados, escravizados e objetificados, incorporados como mercadorias, mulheres, crianças e homens são trazidos para o Brasil por meio do comércio de escravos, criado para atender aos interesses econômicos das potências europeias, e chegam ao Brasil desterritorializados. A senzala, então, torna-se espaço de confinamento e subjugação. Todavia, como destaca Raquel Rolnik (1989), no interior dessa arquitetura também se desenvolveram novas representações da realidade, novos devires negros, afirmação da vontade de solidariedade e de autopreservação. Esse devir negro fundamentava a existência de uma comunidade africana em terras brasileiras. Uma vez confinados na terra de exílio, escravizados de territórios diversos do continente africano se transformaram em uma mesma comunidade, cujo único laço era a ancestralidade africana (ROLNIK, 1989).

O corpo negro também se torna espaço de resistência, de enfrentamento e é, portanto, um corpo político. Para Rolnik, um dos suportes mais sólidos do repertório negro, desde a senzala, sempre foi o próprio corpo enquanto espaço de existência, continente e limite do escravizado. Negros escravizados não eram proprietários dos próprios corpos, apenas seus portadores. Na senzala, afirma Rolnik (1989: 76-7), era por meio do corpo que o escravizado afirmava e celebrava sua ligação comunitária, bem como transmitia sua memória coletiva ritualizada.

Se cada corpo – pensando aqui o corpo como coletividade – é formado por uma multiplicidade de corpos, para um corpo existir são necessários outros corpos. A existência de um corpo se estabelece na relação com outros corpos. A existência do corpo negro, por sua vez, pressupõe resistência. O que pode o corpo? - perguntava o filósofo Spinoza (1989). Aqui, questionamos o que pode o corpo para produzir resistência ao poder hegemônico? O que pode o corpo para afirmar sua existência em modelos deletérios? Para existir e sobreviver enquanto corpo, enquanto indivíduo, para ocupar espaços onde esses corpos negros, muitos deles femininos, são hostilizados, é

preciso resistir. Existência e resistência estão intrínseca e dialeticamente relacionadas, na medida em que uma existe em função e na relação com a outra.

A segregação espacial, territorial, de corpos negros, primeiro, em senzalas, depois, em vilas e cortiços, e hoje em guetos e favelas, becos e vielas – consequência de quase 400 anos de escravidão, que funcionou como princípio estruturante das relações sociais e do qual o racismo é um desdobramento, permeando todas as relações sociais brasileiras – corrobora com a invisibilização sistemática desses corpos. Nesse contexto, mulheres negras, embora sustentem a base da sociedade brasileira, são os corpos mais inferiorizados, mais invisibilizados, numa sociedade sistemicamente patriarcal e racista, onde racismo e misoginia, enquanto mecanismos de poder, estão intrinsecamente relacionados na estruturação da opressão da mulher negra.

Dessa desterritorialização e anulação enquanto ente humano até os dias atuais, vários mitos foram construídos em torno do corpo da mulher negra: a mulher negra hipersexualizada, principalmente por meio da representação do corpo da mulata; a mulher negra objetificada, como uma mulher sempre disponível para o sexo; a mulher negra como objeto para a satisfação sexual masculina, que não serve para constituir família (o tal “branca pra casar, mulata pra fuder”); a mulher negra como “boa parideira”, fértil, boa reprodutora, bestializada e qualificada como um animal, desde o período colonial; boa cuidadora de crianças e do trabalho doméstico (trabalho reprodutivo), de amas de leite e mucamas, no período colonial, a babás e empregadas domésticas na contemporaneidade, que, muitas vezes, habitam minúsculos cômodos nos fundos de residências, sempre próximos da cozinha e da área de serviço.



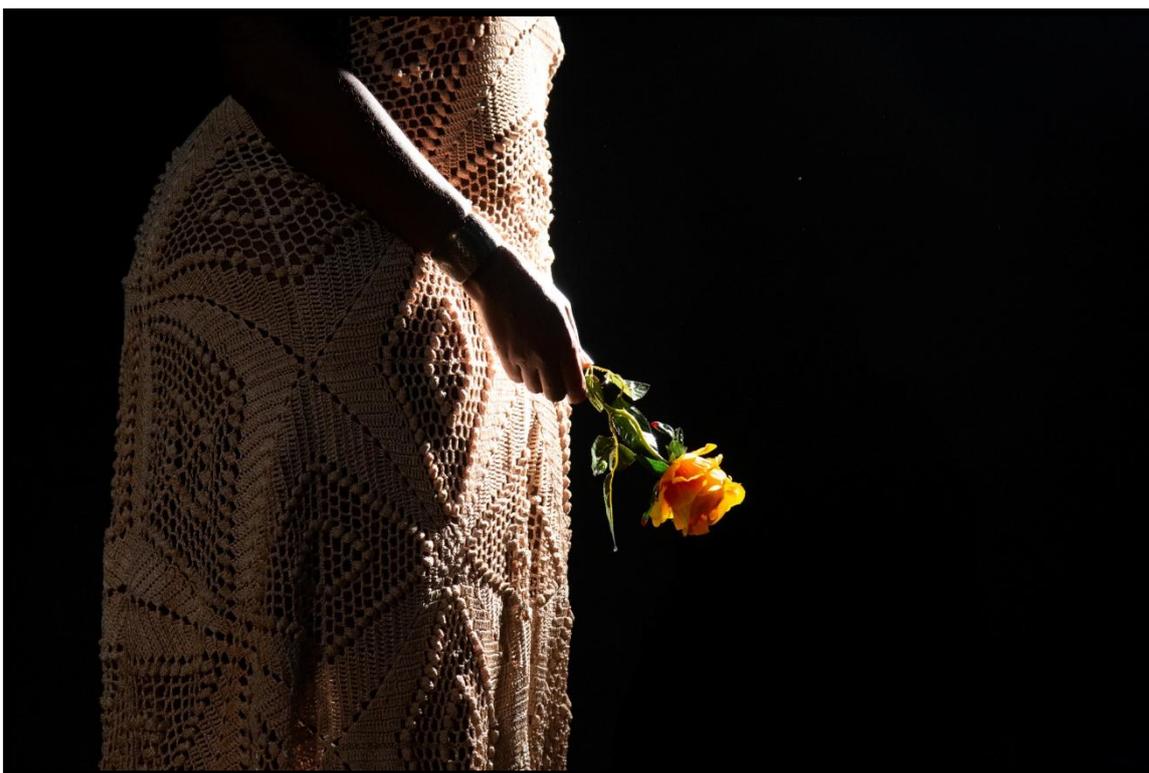
*Ser mulher negra é resistir e é sobreviver o tempo todo.*  
(FRANCO, Marielle, 2017)

Preservada essa herança escravocrata nas estruturas sociais brasileiras, modernizou-se a escravidão. As estatísticas – no que somos reduzidos/as diariamente no discurso midiático – nos ajudam a visualizar esse quadro: mulheres são maioria dos empregados domésticos – 92% dos empregados domésticos são mulheres –, a maioria delas negras. 17% das mulheres negras são empregadas domésticas. Em comparação com as empregadas domésticas não negras, são as que têm menor escolaridade e que ganham menos. As mulheres negras também predominam como chefes de família (isto é, a maioria das mães solo é negra), ocupam as piores funções no mercado de trabalho, com as condições mais precárias e os piores salários – pesquisa realizada pelo Ipea e Ministério do Trabalho e Previdência Social, em 2016<sup>4</sup>, aponta que 39,6% das mulheres

---

<sup>4</sup> PREVIDÊNCIA. Ministério da Economia. *TRABALHO: Pesquisa aponta diagnóstico sobre as mulheres no mercado de trabalho*, 11/03/2016. Disponível em:

negras estão inseridas em relações precárias de trabalho, seguidas pelos homens negros (31,6%), mulheres brancas (26,9%) e homens brancos (20,6%). Mulheres negras são as principais vítimas de violência contra a mulher e de violência doméstica, de violência obstétrica no sistema público de saúde, de mortalidade doméstica (60%) decorrente de complicações no parto por negligência ou imperícia, o que está atrelado ao racismo e ao mito de que a mulher negra suportaria melhor a dor do que a mulher branca ou não negra, que lida bem com qualquer sofrimento e não se importa ou não sente nada – parte do processo de objetificação. Quase 30% das mulheres negras não têm acompanhamento durante o parto. A maioria das mulheres que se tornam mãe na adolescência é negra, tem uma rede de apoio menor e acaba precisando abandonar a escola. Por enfrentarem maior dificuldade de acesso, as mulheres negras são as menos escolarizadas.



*Será que já perguntaram quais eram os sonhos das “tias de limpeza”?*  
(RIBEIRO, Djamilia, 2019)

---

<[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_alphacontent&view=alphacontent&Itemid=144](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_alphacontent&view=alphacontent&Itemid=144)>. Acesso em: 02 de março de 2018, às 18h37min.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Ministério do Trabalho e Previdência Social. *Mercado de trabalho: conjuntura e análise*. V. 1, n. 0, (mar. 1996-2016). Brasília: IPEA: MTPS, 1996-2016. Disponíveis em:

<[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_alphacontent&view=alphacontent&Itemid=144](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_alphacontent&view=alphacontent&Itemid=144)>. Acesso em: 02 de março de 2018, às 18h41min.

No período colonial, os filhos de mulheres negras eram arrancados de suas mães para que elas pudessem amamentar os filhos de seu proprietário, da mulher branca. Hoje, como chefe de família, muitas mulheres negras precisam entregar seus filhos a creches, conhecidos, amigos, vizinhos, familiares, para trabalhar e garantir sua sobrevivência e de sua família, muitas vezes trabalhando como empregadas domésticas e babás de crianças de famílias brancas e de classe média ou alta. Assim, muitas mães negras acabam convivendo e cuidando mais dos filhos das “patroas” do que dos próprios filhos. Ou ainda, assumindo o trabalho doméstico, em casas de classe média, como empregadas; ou serviços de limpeza, como auxiliares de serviços gerais em empresas, escritórios, *shoppings centers*, onde circulam pessoas brancas com alto poder aquisitivo. A mulher negra fica circunscrita, então, ao trabalho reprodutivo – seja em casa ou fora dela –, que é todo trabalho relacionado aos cuidados do lar, desde o cuidado dos filhos (seus ou de terceiros), limpeza da casa (dos espaços públicos ou privados), até o apoio moral ao provedor da casa (marido, patrão ou patroa), no final do dia. Uma responsabilização estrutural que perpassa gênero e raça.

Dentre tantos fatores, também é possível evocarmos dados que demonstram a relevância de discutir a temática da mulher negra como corpo invisível. Esses dados nos contam que, a cada 120 minutos, uma mulher é assassinada no Brasil – a maioria delas negra (61%), segundo dados do *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*, publicado em 2019<sup>5</sup>. Em 2016, a taxa de homicídio de mulheres negras foi 71% superior à de mulheres não negras – de acordo com o *Atlas da Violência*, do Ipea, 2018<sup>6</sup>. Em 10 anos (2006-2016), segundo o mesmo documento, enquanto a taxa de homicídios para cada 100 mil mulheres negras aumentou 15,4%, a de mulheres não negras teve queda de 8%. Mulheres negras jovens, de 15 a 29 anos, têm o dobro de chance de serem mortas, em comparação com mulheres brancas em todo país – dados do *Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência*, 2017<sup>7</sup>. Essas estatísticas demonstram que a violência contra a

---

<sup>5</sup> FÓRUM Brasileiro de Segurança Pública. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*, ano 13, São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019. Disponível em: <[http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL\\_21.10.19.pdf](http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL_21.10.19.pdf)>. Acesso em: 23 de novembro de 2019, às 18h50min.

<sup>6</sup> IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. *Atlas da Violência 2018*. Brasília: IPEA, Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, junho de 2018. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/180604\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2018.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf)>. Acesso em: 02 de março de 2018, às 17h08min.

<sup>7</sup> BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Governo. *Índice de vulnerabilidade juvenil à violência 2017: desigualdade racial, municípios com mais de 100 mil habitantes* / Secretaria de Governo

mulher negra está associada ao racismo, à misoginia e à invisibilidade social dessas mulheres. Toda essa violência é cotidianamente naturalizada e exatamente por isso precisa ser denunciada, discutida e enfrentada. A mulher tem sido excluída do processo histórico e a mulher negra pelo menos duas vezes mais, e sua condição precisa se debatida e desconstruída.

A mulher negra é quem enfrenta mais dificuldades e desigualdades no acesso à cidade e a direitos sociais. Falar da mulher negra, no Brasil, é, também, falar da mulher negra periférica, na medida em que raça e classe no país estão intrinsecamente relacionadas. No capitalismo, a urbanização excludente caracteriza o processo de desenvolvimento das cidades, numa sociedade onde se perpetuam relações estruturais racistas, patriarcais. A mulher negra periférica sente na pele os efeitos dessa exclusão do espaço público e confinamento ao lar, seja ao seu ou ao “da patroa”. Em síntese, entre as violências que enfrenta estão:

- Dificuldades de acesso a serviços básicos;
- Urbanização irregular, com inchaço das periferias;
- Falta de infraestrutura e de equipamentos públicos urbanos e ambientais de qualidade;
- Baixa escolaridade, em razão da dificuldade de acesso à educação;
- Violência urbana e necropolítica (“guerra às drogas”), com genocídio da população negra. Por esta violência, ela perde os filhos jovens precocemente, principalmente os do sexo masculino, seja por homicídio (extermínio da juventude negra e periférica), inclusive pelas mãos da Polícia, seja por encarceramento, com prisões preventivas sem direito a aguardar julgamento em liberdade – de acordo com a 6ª edição do *Índice de Homicídios na Adolescência - IHA 2014*, é quase cinco (4,67) vezes mais provável que um homicídio contra um adolescente (entre 12 e 18 anos) seja cometido com arma de fogo do que com qualquer outro instrumento e o risco de vitimização de um adolescente

negro é quase três (2,96) vezes superior ao de um adolescente branco, “mostrando o grau de vulnerabilidade a que está sujeita a juventude negra”<sup>8</sup>.

- Violência contra a mulher e violência doméstica, das quais é a principal vítima;
- Violência obstétrica no sistema público de saúde, da qual também é a principal vítima, inclusive de mortalidade doméstica;
- Predomina entre as mulheres chefes de família;
- É a principal vítima de maternidade precoce e compulsória – muitas vezes, precisa abandonar a escola na adolescência ou juventude;
- Ocupa as piores funções no mercado de trabalho, com as condições mais precárias e os piores salários.

Todo esse quadro social impacta sobre a experiência da maternidade. Se a mulher negra, muitas vezes, é chefe de família, isso limita seu tempo de convivência com os filhos, na medida em que se vê obrigada a garantir o sustento familiar. Essa privação da maternidade, do convívio com os filhos, é resultado do tempo e do cuidado que ela precisa despender para criar e educar os filhos do “patrão” e da “patroa”, antes, como ama de leite ou escrava da casa grande, hoje, como babá e/ou empregada doméstica. Desse modo, a falta de acesso a creches no sistema público de ensino também se impõe como uma dificuldade para a mulher negra periférica, que, na falta de uma instituição que se responsabilize pelos cuidados com o filho, precisa deixá-lo com familiares, vizinhos, amigos, conhecidos, parentes. Entre as famílias chefiadas por mulheres negras, 69% tinham renda familiar de até um salário mínimo de rendimento e escolaridade mais baixa em relação a mulheres brancas – segundo dados do *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil* (2019)<sup>9</sup>.

São dados que demonstram que a vida da mulher negra é, com frequência, marcada pela precariedade e violência. A maioria das vítimas de estupro (53,8%) no Brasil são meninas de até 13 anos e 50,9% das mulheres violadas são negras – dados do

---

<sup>8</sup> DE MELO, Doriam Luis Borges; CANO, Ignácio (orgs). *Índice de Homicídios na Adolescência: IHA* 2014. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2017.

Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/pagina-1192.html>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2018, às 22h11min.

<sup>9</sup> MARCONDES, Mazzini [et. al.]. *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Brasília: Ipea, 2013. Disponível em: [http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro\\_dossie\\_mulheres\\_negras.pdf](http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_dossie_mulheres_negras.pdf). Acesso em: 03 de fevereiro de 2018, às 22h34min.

*13º Anuário Brasileiro de Segurança Pública* (2019)<sup>10</sup>. O corpo da menina e da mulher negra é hipersexualizados e fetichizados ainda na infância e adolescência, o que a expõe a abusos, violências, maternidade precoce e culpabilização social. Quando a vítima de pedofilia é uma menina negra pobre, ela é vista como imoral, responsável pela situação, consciente o suficiente para se decidir pelo envolvimento com homens mais velhos. Isto é, quando a menina é negra, é mais difícil vê-la como vítima, o racismo corrobora para que a sociedade a veja como responsável pela situação, enquanto a imagem da menina branca está mais associada, no imaginário social, à pureza e inocência, sendo mais comum que a reconheça como vítima do abuso masculino.

Toda essa construção pejorativa de imagens caricatas sobre negros e negras desdobra-se sofrimento psicológico:

- Negros são tomados como “bandidos”, preguiçosos, desinteressados, desleixados, sujos, “bons para atividades braçais”;
- Mulheres negras são, histórica e socialmente, reduzidas a seus corpos: hipersexualizadas, objetificadas, consideradas “boas de cama” e sempre “disponíveis” para o sexo; objeto para a satisfação sexual masculina, são consideradas “impróprias” e sem serventia para se constituir família;
- São tidas como fortes, mas porque, na verdade, precisam ser fortes para sobreviver em meio à solidão social, omissão estatal, genocídio, racismo e solidão institucional – termo/questão que Djamila Ribeiro (2019) vem estudando e que define o processo de invisibilidade social que mulheres negras vivenciam nos espaços dominados pela branquitude: “Eu imagino a solidão de nem sequer ser vista, de ser possível passar anos trabalhando em um lugar sem que as pessoas saibam o seu nome. (...) Há também a solidão de ser ‘a primeira negra que...’ ou ‘a única negra que...’” (RIBEIRO, *Folha de São Paulo*, 01/11/2019<sup>11</sup>).

<sup>10</sup> FÓRUM Brasileiro de Segurança Pública. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*, ano 13, São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019. Disponível em: [http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL\\_21.10.19.pdf](http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL_21.10.19.pdf). Acesso em: 23 de novembro de 2019, às 18h50min.

<sup>11</sup> RIBEIRO, Djamila. A solidão institucional. In: *Folha de São Paulo*, 01 de novembro de 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/djamila-ribeiro/2019/11/a-solidao-institucional.shtml?fbclid=IwAR0RpGzgvu3M1znZ4tRMxrkBdqPlsodQ1e8uZ8sYrDoKfGm1dYgiLPSjkTA>. Acesso em: 03 de novembro de 2019, às 14h46min.

Racismo e machismo implicam em desdobramentos sobre a saúde psicológica da mulher negra (depressão, ansiedade, culpa, autocobrança, baixa auto estima), seja pelo excesso de frustrações, silenciamentos, marginalização, condições de vida precarizadas, violações de direitos, violências, abusos, opressões, precariedade de afeto, solidão, que acabam empurrando-a para relacionamentos abusivos – 60% das mulheres que relataram casos de violência doméstica ao canal Disque 100, em 2016, eram negras<sup>12</sup>.

Toda essa estrutura social é naturalizada e individualizada, o que silencia ainda mais as vítimas. Toda essa violência é cotidianamente naturalizada e exatamente por isso precisa ser denunciada, discutida e enfrentada.

Entender o corpo negro feminino como um corpo político é entendê-lo como resistência. Resistência em existir mesmo em meio a inúmeras condições e circunstâncias desfavoráveis. Este corpo silenciado, invisibilizado, precisa ser visto e ouvido. Sua voz precisa ecoar por tantos cantos e ouvidos estranhos e alheios a sua realidade. Se por um lado esses corpos são tornados invisíveis nos espaços que não deveriam ocupar, segregados, discriminados, penalizados, docilizados, violentados, por outro, se tornam lugar e continente, pertencimento e habitação, identidade e memória de vivências e experiências pessoais e coletivas, na medida em que resgatam uma ancestralidade africana, que corrobora com esse sentimento de pertencimento, história coletiva e identificação; espaços de celebração, de ligação comunitária e de fortalecimento.

---

<sup>12</sup> Os dados de 2017 e 2018 tiveram um alto percentual de mulheres que não declararam a raça. Dados do Disque 100. In: SILVA, Ariane; MARTINELLI, Flávia; CARDOSO, Monise. Entre o machismo e o racismo. *Revista AzMina*, 20 de novembro de 2019.

Disponível em:

<https://azmina.com.br/especiais/entre-machismo-e-racismo-mulheres-negras-sao-as-maiores-vitimas-de-violencia/>. Acesso em: 23 de novembro de 2019, às 19h39min.

## Capítulo 2 - e eu não sou uma mulher?

*Eu não estou indo embora  
Vou ficar aqui  
E resistir ao fogo*  
(TRUTH, Sojourner, s.a., s.p.)<sup>13</sup>

*Quando uma mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras. Porque muda-se a base do capitalismo.*  
(DAVIS, Angela, 2017, s.p.)<sup>14</sup>

Na medida em que entendemos o corpo negro feminino como um corpo político, também questionamos: o que pode o corpo para produzir resistência ao poder hegemônico? O que pode o corpo para existir e resistir em modelos deletérios? A existência do sujeito enquanto corpo se estabelece *na relação com*, na coletividade. Os sentimentos de coletividade e solidariedade são importantes para a afirmação do corpo negro enquanto existência e resistência, tanto no período colonial quanto na contemporaneidade. Resistir para existir, existir para resistir.

No documentário *Corpos Invisíveis*, o corpo negro feminino é tomado como espaço de resistência e como continente, no sentido de pertencimento. Partindo dessa premissa, o filme se propõe a discutir o racismo, enquanto herança do passado escravocrata brasileiro, como estruturante da invisibilização e inviabilização dos corpos negros femininos – somando-se a isso o machismo e a misoginia, que também são estruturantes das relações sociais da sociedade brasileira, que é patriarcal. Corpos negros femininos foram e são histórica e socialmente hostilizados, discriminados, vilipendiados, invisibilizados, de modo que esses corpos têm se tornado espaço de resistência, de enfrentamento e afrontamento, na medida em que resistem em existir.

Partindo dessa concepção, o projeto *Corpos Invisíveis* aborda o corpo negro feminino a partir de três perspectivas:

---

<sup>13</sup> Tradução de Djamila Ribeiro: TRUTH, Sojourner, s.a, s.p. *apud* RIBEIRO, 2017: 37. In: RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

Nota da autora: “No original: [...] I am not going away;  
I am going to stay here  
And stand the fire [...].

ALL POETRY. To The Preachers (The Second Advent Doctrines).  
Disponível em <<https://goo.gl/1bD7cE>>.”

<sup>14</sup> DAVIS, Angela. In: *EL PAÍS*. Salvador, 27 de julho de 2017. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503\\_610956.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html)>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2018, às 15h35min.

- Como um corpo-continente, entendendo que a mulher negra lida cotidianamente, nos espaços públicos e privados, com a precariedade de afeto e com a solidão, de modo que seu corpo se torna sua medida de afeto, de relação consigo mesma e com o mundo, o espaço em que está circunscrita. A pesquisadora e militante Bell Hooks afirma que “muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor” (2010 [2006]: s.p.). Segundo o Censo 2010<sup>15</sup>, 52,2% das mulheres negras brasileiras não vivem em união, independente do estado civil. A mulher negra, como muitas mulheres de outras etnias, sonha com o amor romântico (construído socialmente), mas esse amor lhe é negado.
- Como corpo-memória, isto é, um corpo que carrega uma história, um passado, marcas, lembranças, memórias, tantas delas que anseia por esquecer e tantas outras que não quer nem pode esquecer, todas elas costuraram quem ela é, seja no contexto pessoal ou coletivo.
- Como corpo-personagem, que se faz perceber, se faz presente, constrói sentidos, significações, simbologias, sensações, emoções e subjetividades; um corpo que se faz despertar pelo mundo sensorial e que o desperta, na sua experiência pessoal, íntima, numa construção dialética entre corpo e mundo sensorial, na medida em que ambos existem e se constituem na relação de um com o outro.



---

<sup>15</sup> IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd\\_2010\\_religiao\\_deficiencia.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf)>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2018, às 17h45min.

*Atravessei o mar  
Um sol da América do Sul me guia  
Trago uma mala de mão  
Dentro uma oração  
Um adeus*

*Eu sou um corpo  
Um ser  
Um corpo só  
Tem cor, tem corte  
E a história do meu lugar  
Eu sou a minha própria embarcação  
Sou minha própria sorte*

*E Je suis ici, ainda que não queiram não  
Je suis ici, ainda que eu não queria mais  
Je suis ici agora*

*Cada rua dessa cidade cinza sou eu  
Olhares brancos me fitam  
Há perigo nas esquinas  
E eu falo mais de três línguas*

*E palavra amor, cadê?  
Je suis ici, ainda que não queiram não  
Je suis ici, ainda que eu não queira mais  
Je suis ici, agora  
Je suis ici  
E a palavra amor cadê?*

*Um Corpo no Mundo  
(LUNA, Luedji, 2017)*

Entre as temáticas que buscamos abordar no filme e que conseguimos captar em seu material bruto estão: a invisibilidade da mulher negra nos espaços públicos, memória coletiva, identidade e ancestralidade, o mito da agressividade da mulher negra, sua solidão, relacionamentos e carência afetiva, maternidade, sexualidade, saúde emocional, vida acadêmica, racismo, machismo, hipersexualização. Assim, entremeiam-se entrevistas de mulheres negras e militantes, pesquisadoras, professoras, artistas e mulheres anônimas, periféricas, que compartilham suas experiências pessoais e, em muitos aspectos, coletivas; e performances de dança contemporânea de artistas negras com textos narrados em *voice over*<sup>16</sup> que introduzem cada uma das temáticas abordadas.

Por situar-se entre os gêneros narrativos do documentário intimista e do docudrama, *Corpos Invisíveis* caracteriza-se por uma estética da intimidade, na busca de

<sup>16</sup> Em tradução livre, seria voz sobreposta. É um termo que designa voz em *off* ou narração em *off*. A voz pode vir de um personagem que está ou não na imagem em tela, narrando, ou mesmo comentando, o filme.

afeto no outro, uma relação que é cara e escassa à mulher negra. A câmera, sempre presente na narrativa, se desloca pelos espaços e personagens, tornando-se quase uma personagem, que ocupa um lugar privilegiado como observador participante. Assim, a proposta de direção e decupagem do filme privilegiou uma câmera mais dinâmica, que explora a personagem e o ambiente: câmera na mão; além de uma câmera objetiva, que se faz presente na narrativa. Há, portanto, uma construção narrativa, sensorial, estética, íntima, testemunhal e coletiva. A esfera íntima é descortinada, visibilizada, mas, ao passo que se descortina, também se apresenta como uma problemática social, coletiva.

Coloquei-me, desse modo, o desafio de que este documentário carregasse uma certa estética da intimidade, de modo que houvesse um aspecto íntimo, em oposição à imagem pública e compartilhada publicamente, e testemunhal. Ao abordar o corpo da mulher negra como um corpo – enquanto existência – indesejável, invisível, ignorado, marginalizado, tomamos a câmera também como um corpo que observa e é atravessado por esse mundo diegético, sensorial, estético, construído pelas falas, discursos, presenças e performances de mulheres negras diversas, plurais. Problemas públicos em lugares privados. Questões íntimas, ao primeiro olhar, mas que se apresentam e se estruturam na conjuntura da realidade social, a esfera pública.

Refletir sobre si mesma enquanto indivíduo e sobre a representação da mulher negra enquanto sujeito histórico-social é um exercício em abismos, de reflexão e autorreflexão, nunca deixamos de cair, estamos sempre caindo de novo e de novo, de modo que os tempos mortos na narrativa são um elemento diegético importante – por todos esses fatores, a escolha do documentário intimista como gênero da obra. Câmera e personagens caminham na mesma direção na narração e construção da narrativa, numa relação de completa empatia. Ao passo em que assumem um papel de reflexão, essas personagens constroem uma certa relação de intimidade com a câmera e o público-espectador – pois entendemos que, se fazemos cinema, se falamos, fazemos e falamos para nossas iguais. Suas questões e dores não são exclusivas de um sujeito impenetrável, ao qual permanecemos indiferentes, mas, partilhadas e costuradas pela narrativa intimista, se tornam também parte do público da obra.

*E Je suis ici – estou aqui, ainda que não queiram não*  
*Je suis ici – estou aqui, ainda que eu não queria mais*  
*Je suis ici – estou aqui agora*  
(LUNA, Luedji. *Um Corpo no Mundo*, 2017)

*Bem, minha gente, quando existe tamanha algazarra é que alguma coisa deve estar fora da ordem. Penso que espremidos entre os negros do sul e as mulheres do norte, todos eles falando sobre direitos, os homens brancos, muito em breve, ficarão em apuros. Mas em torno do que é toda essa falação?*

*Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessam um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E eu não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E eu não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravo. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E eu não sou uma mulher? E daí eles falam daquela coisa que tem na cabeça, como é mesmo que chama? (uma pessoa da plateia murmura: “intelecto”). É isto aí, meu bem. O que é que isto tem a ver com os direitos das mulheres ou os direitos dos negros? Se minha caneca não está cheia nem pela metade e se sua caneca está quase toda cheia, não seria mesquinho da sua parte não completar minha medida?*

*Então aquele homenzinho vestido de preto diz que as mulheres não podem ter tantos direitos quanto os homens porque Cristo não era mulher! Mas de onde é que vem seu Cristo? De onde foi que Cristoveio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com Ele.*

*Se a primeira mulher que Deus criou foi suficientemente forte para, sozinha, virar o mundo de cabeça para baixo, então todas as mulheres, juntas, conseguirão mudar a situação e pôr novamente o mundo de cabeça para cima! E agora elas estão pedindo para fazer isto. É melhor que os homens não se metam*

*Obrigada por me ouvir e agora a velha Sojourner não tem muito mais coisas para dizer.*

(TRUTH, Sojourner, 1851, s.p. apud RIBEIRO, 2017, pp. 22 e 23)

Esse lugar de fala, de onde a mulher negra reflete sobre si mesma enquanto indivíduo, representação e sujeito histórico-social, constrói-se de maneira reflexiva e autorreflexiva. Como dito antes, ao assumir um papel de reflexão, as personagens estabelecem uma relação de intimidade com a câmera e com o público, nos confidenciando seus segredos, dores, sofrimentos e suas verdades. Por meio dessa narrativa intimista que buscamos romper o invólucro do sujeito impenetrável, ao qual espectador permaneceria indiferente. Para isso, exploramos o recurso da entrevista e do depoimento no compartilhamento de vivências e experiências, afastando-se, porém, de uma abordagem didático-argumentativa. A abordagem da entrevista e dos depoimentos procurou suscitar, refletir, investigar, levantando questões como:

- Na experiência íntima e pessoal da entrevistada, que há em comum com tantas mulheres que, como ela, também invisíveis, existem? – construção de um sentimento de coletividade, memória, pertencimento e partilhamento. Somos sujeitos e existimos *na relação* com o outro, *em relação* com o outro.

- A sociedade se importa com o que está sendo feito dos corpos de mulheres negras?
- Conhecem nossas vivências, dores e agruras como mulher negra, frequentemente periférica? – na medida em que muitas das vivências da mulher negra são silenciadas, minimizadas, apagadas.

*As mulheres negras foram assim postas em vários discursos que deturpam nossa própria realidade: um debate sobre o racismo onde o sujeito é homem negro; um discurso de gênero onde o sujeito é a mulher branca; e um discurso sobre a classe onde “raça” não tem lugar. Nós ocupamos um lugar muito crítico, em teoria. É por causa dessa falta ideológica, argumenta Heidi Safia Mirza (1997) que as mulheres negras habitam um espaço vazio, um espaço que se sobrepõe às margens da “raça” e do “gênero”, o chamado “terceiro espaço” [por isso, Kilomba vai apontar a mulher negra como o *Outro do Outro*]. Nós habitamos um tipo de vácuo de apagamento e contradição “sustentado pela polarização do mundo em um lado negro e de outro lado, de mulheres” (MIRZA, 1997: 4). Nós, no meio. Este é, é claro, um dilema teórico sério, em que os conceitos de “raça” e gênero se fundem estreitamente em um só. Tais narrativas separativas mantém a invisibilidade das mulheres negras nos debates acadêmicos e políticos.*

(KILOMBA, 2012: 56 *apud* RIBEIRO, 2017: 40)

Compartilhar essas dores e experiências passa por uma necessidade existencial, de ser e estar no mundo, de se fortalecer em tantas outras histórias como a sua própria, e pela necessidade de que sua voz seja ouvida, considerada. Ao transitar por diferentes temáticas e direções, costuramos uma polifonia de vozes femininas, com múltiplas vivências, questionamentos e histórias. Essa ambiência subjetiva e intimista também caracteriza-se, nesse mosaico de vozes femininas, pela alegoria, com performances artísticas que introduzem as temáticas discutidas, remetendo a uma expressividade e protagonismo do corpo negro feminino.

Buscamos, assim, aproximar o espectador de uma experiência estética e sensorial, onde esse corpo da mulher negra se caracterizasse como um corpo-memória, um corpo “personagem” e um corpo que se faz despertar pelo mundo sensorial e que o desperta, numa relação dialética. A condução da *voice over* a partir de uma linguagem poética, construída como um grande discurso de múltiplas vozes, propicia unidade à narrativa. Acompanham as *voices over* imagens de performances artísticas, que introduzem os temas e subtemas abordados, costurando os diversos discursos. Assim, recorre-se à videodança, com apresentações de dança contemporânea, expressão corporal, teatro (e cinema) performático, valendo-se de valores como a livre expressão artística, a criação, a fluidez e interação corporal, a improvisação, solo e em conjunto, de modo a romper com linguagens e técnicas estabelecidas no campo da arte, e

caracterizar-se, por um protagonismo do corpo negro feminino e pela expressividade corporal, sua capacidade de comunicar sentimentos, emoções, dores e sofrimentos, num “sentir” pessoal e anônimo – dado que também é coletivo –, intenso e carregado de significados, signos e memórias.

Enquanto nas entrevistas, sobretudo, são abordadas questões existenciais do universo da mulher negra enquanto corpo, existência negligenciada, marginalizada, por meio de relatos reais de mulheres negras, reflexões e discussões existenciais, políticas, teóricas e filosóficas, sob uma abordagem intimista; as imagens em movimento são construídas no sentido de revelar a potência, afecções, atravessamentos e afetos desse corpo negro e feminino, reforçando a tensão entre intimidade e coletividade. Nesse sentido, optou-se pela apropriação de elementos da linguagem e do formato do documentário intimista, do drama ficcional, da videodança e da videoarte, por meio dos quais se pretendeu dar conta da construção de um “eu” singular e coletivo.

No que tange à diegese construída pelas imagens, buscamos criar uma atmosfera de solidão e intimidade, reflexão e autorreflexão, delineada, em linhas gerais, pela direção de arte, fotografia e iluminação, com exploração de luz natural; câmera subaquática em algumas sequências de videodança e videoarte; cores frias nas sequências de entrevistas e cores quentes nas sequências de performance; saturação; contraste; elementos reiterativos na construção artística das imagens, como espelhos e água em movimento, a fim de construir uma atmosfera de solidão, aprisionamento, perda, ora de frio, ora de calor, figurando presença e ausência, proximidade e solidão, traduzindo-se, em muitos momentos, pela presença ou ausência da luz solar.

Assim, para a construção de um conjunto de signos e significados a partir da diegese, utilizamos o recurso narrativo da alegoria, evocando elementos que remetem à autorreflexão, na medida em que, no documentário, a figura feminina reflete sobre si mesma enquanto mulher negra, sobre o “ser mulher” no contexto social e histórico, e sobre a condição social que a mulher negra ocupa na sociedade, a partir de uma perspectiva filosófico-existencial. A questão da reflexividade, portanto, é unívoca no filme e, entre os elementos reflexivos, são explorados o translúcido, os efeitos de luz e óptica, os reflexos, elementos que atravessam e velam a imagem, remetendo a conceitos explorados na obra como um todo, como a autorreflexividade, autoconhecimento e desvelamento, que, metaforicamente, pode ser entendido, no contexto da obra, como desnaturalização. Desse modo, a imagem velada, por vezes reiterada pela composição visual do filme, faz parte de uma proposta de construção simbólica e faz referência a

questões e assuntos de profunda relevância social e política, mas que são naturalizados e ignorados nos espaços públicos de discussão.

Por meio dos afetos, da expressividade, das memórias, de significações sensoriais e emocionais, de trocas orgânicas entre si próprio, sentidos, sentimentos e emoções, o corpo negro feminino exerce protagonismo no *pensar, sentir e compreender* as diversas questões contemporâneas (e seus desdobramentos) relacionadas à existência e à condição social da mulher negra e suas íntimas relações com opressões, marginalizações, apagamentos, silenciamentos, invisibilidades, abusos, violências e violações. Num contexto racista e machista, enquanto mulheres negras, somos construídas ligadas ao corpo e não ao pensar – como já pontuou Bell Hooks. Mas escolhemos romper com os lugares que nos colocaram historicamente. Escolhemos dizer e pensar sobre o que nos inquieta e corre nas veias. Olhamos para a dor e pensamos: “e agora, o que fazemos com ela?” Escolhemos resistir, talvez porque não houvesse escolha. Escolhemos amar o que nos disseram que não poderia ser amado, esse corpo político, que traz resistência e dor em cada parte de si.

## 2.2. corpos no mundo

*Uma gota de leite  
me escorre entre os seios.  
Uma mancha de sangue  
me enfeita entre as pernas.  
Meia palavra mordida  
me foge da boca.  
Vagos desejos insinuam esperanças.  
Eu-mulher em rios vermelhos  
inauguro a vida.  
Em baixa voz  
violento os tímpanos do mundo.  
Antevejo.  
Antecipo.  
Antes-vivo  
Antes – agora – o que há de vir.  
Eu fêmea-matriz.  
Eu força-motriz.  
Eu-mulher  
abrigo da semente  
moto-contínuo  
do mundo.*

(EVARISTO, Conceição. *Eu-Mulher. Poemas da recordação e outros movimentos*, 2017)

*Corpos Invisíveis* é permeado por *voices over* em primeira pessoa que abordam de forma poética a dor, o luto das interdições estruturais, dororidade e a potência de nos aquilombarmos em outros corpos negros femininos. Numa narrativa ficcional, as performers são personagens, cuja a expressividade e encenação é de seus corpos e falas. Cada uma foi nomeada, no roteiro, com nomes em Yorubá: Abeni, Abagbe, Asya e Kokumo. Suas falas que se intercalam e se completam ao logo da narrativa como alter egos umas das outras.



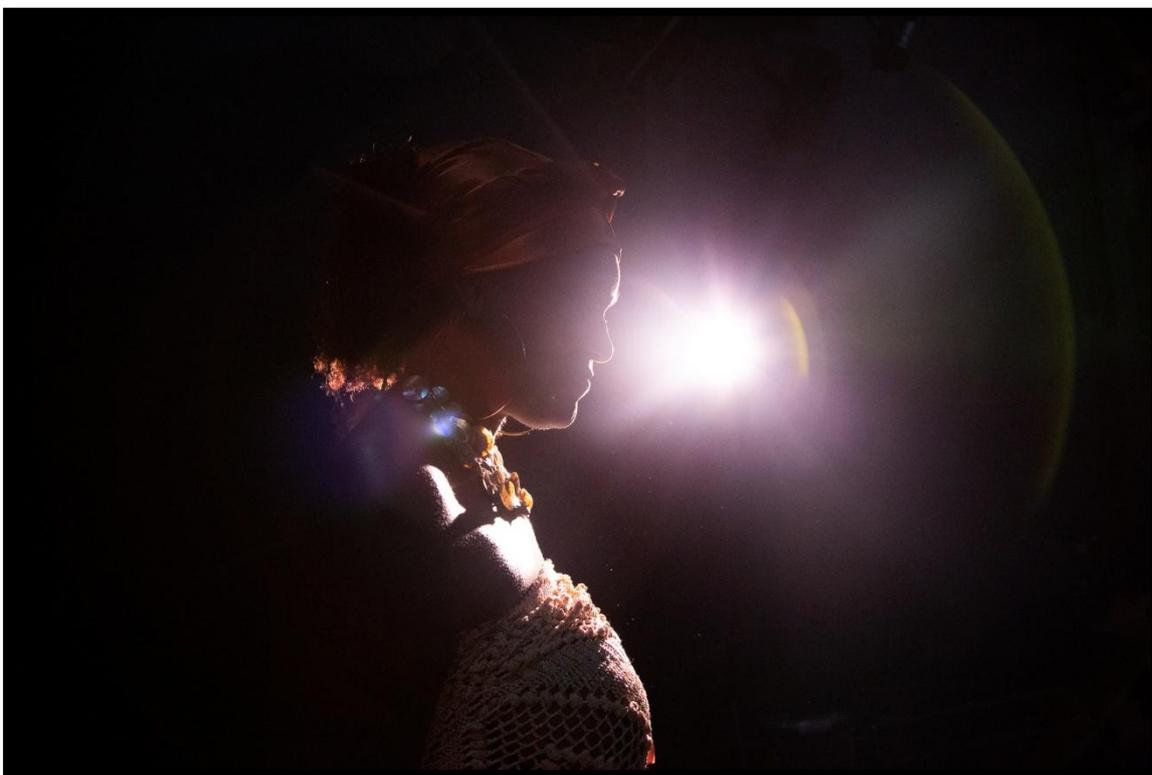
*ABENI (V.O.)*

*Meu corpo,  
comprovação material da minha existência,  
espaço de afetos e  
das minhas vivências, dores,  
experiências.*

*Guardo aqui aprendizados  
e meu diálogo com o mundo,  
um mundo que me tem machucado, ferido.*

*Esse corpo,  
que determina e é determinado por  
minha relação com o mundo.  
Transgredido por um mundo onde ele não cabe,  
corpos-espaço,  
que precisam ser seu próprio mundo,  
restritos em si só?*

*Mas possuo tão pouco de mim,  
que temo me perder na imensidão do  
que sou.*



*ABENI (V.O.)*

*Em atravessamentos entre o mundo e eu,  
é pelo mundo atravessado.  
Um mundo onde ele não cabe.*

*(Pausa)*

*Preenchida do vazio,  
vou percebendo minha falta de lugar, de espaço,  
e me preenchendo cada vez mais de mim,  
até não me caber mais.*



ABENI (V.O.)

*E vou passando pela vida sem ser vista,  
meu corpo invisível é um corpo sem órgãos,  
que querem manter aos pedaços.  
Errado vestir-me dessa pele "não branca",  
meu manto cotidiano.  
Se o mundo me rejeita,  
a imensidão do meu eu me acolhe,  
até que o dia que descubro  
tecidos tão negros quanto o meu,  
que também ocupam a cidade,  
também existem, resistem.  
Como o vidro não se dobram,  
pois, ao dobrar-se, de certo,  
quebram-se em mil pedaços.  
Minha cor, meu "existir",  
tensionados,  
tencionam essa realidade que me cerca.*





*ABAGBE (V.O.)*

*Sinto-me tão cansada, tão exausta, tão perdida.  
Eu construo, mas não sou vista.  
Sustento essa máquina,  
mas não sou reconhecida.  
Falo, mas não sou ouvida.  
Se grito, sou silenciada.  
Se denuncio, a mim cabe chamar de  
agressiva, raivosa, ofensiva.  
Observo, mas não sou vista.  
Por que a mim,  
tão somente a mim e a tantas outras como eu,  
são negados os mais básicos direitos?*





*ABAGBE (V.O.)*

*Se não conto de imediato,  
é porque gostei.*

*Se conto,  
sou desacreditada e certamente minto.*

*Preocupam-se com as feridas que  
minhas verdades podem causar nos outros,  
mas nunca com minhas feridas íntimas,  
as dores que me causaram,  
que me causam,  
que dilaceraram minhas ancestrais.*

*Fantasmas que ainda tão presentes nos assombram.  
Mas a mulher negra magicamente tudo aguenta,  
ela é forte,  
ela pode sofrer,  
ela deve sofrer.*

*Tudo isso lhe é cotidiano,  
naturalizado,  
a existência que ela conhece e deve aceitar.*

*Meu corpo é público,  
minha sabedoria desconhecida.*

*Não sou vista, ouvida,  
mas, a mim, cabe ouvir, aceitar,  
acessar sempre assertivamente com a cabeça,  
não importa pro que seja.*

*A mim, cabe manter-se calada,  
no meu silêncio íntimo.*

*A minha voz incomoda,  
as minhas palavras ferem.*

*Eu não sou confiável.  
Mas sou eu que sou ferida,  
vilipendiada,  
sob dobras e mais dobras.*

*Não sou assim tão humana,  
sou quase objeto.*

*Serviçal para o sexo.  
Nascida para ouvir, servir,  
acomodar, escutar, maternar,  
trabalhar, cuidar.*



ASYA (V.O.)

*Sensações de vazio e cansaço  
por ainda ter de lutar pelas mínimas coisas,  
pra ser ouvida,  
respeitada, considerada, vista.  
Por que ter que lutar por algo tão básico  
quanto ser ouvida e respeitada?  
Me sinto tão exausta,  
de carregar a dor do mundo,  
de ter minha dor silenciada,  
desconsiderada, naturalizada,  
diminuída, desacreditada.  
Por saber que minhas avós,  
como eu,  
foram violentadas, violadas,  
estupradas.  
E que, como eu,  
tantas de mim ainda são.  
Minhas dores são sociais, coletivas.  
Meu cansaço, minha raiva  
e minhas feridas igualmente são.*

Na concepção do roteiro, como *voice over* do filme, também trabalhei com o texto *The strong black woman is dead...*, da norte americana Laini Mataka, cujo título original é *Being a strong Black woman can get U killed*, publicado em livro homônimo no ano 2000 e traduzido pela escritora Katia Regina da Costa Santos – texto que está anexo a este trabalho.

Entre as entrevistadas, estiveram oito mulheres: 1) Stephanie Ribeiro (SP), ativista do feminismo negro, arquiteta e escritora; 2) Luana Xavier (RJ), atriz e *influencer* digital; 3) Dani Ornellas (RJ), atriz e militante do movimento negro; 4) Camilla Ribeiro (RJ), funcionária pública e mãe solo; 5) Carolina Rocha (pseudônimo

Dandara Suburbana - RJ), escritora e idealizadora da *Oficina de Escrita (criativa) para Mulheres*, pensada a partir de processos de escrevivências e cura; 6) Dandara Barbosa (RJ), idealizadora de coletivos/ movimentos de autoafirmação para mulheres gordas e para a comunidade negra – *Gordas* e *Wakanda Madureira*; 7) Simone Ricco (RJ), professora e articuladora cultural; e 8) Danielle Anatólio (RJ): atriz e pesquisadora de performances de mulheres negras.





*agora que percebemos  
que somos a nossa própria cura  
perdemos o medo de gritar  
anos de silenciamento  
agora provocam vendavais*

*ao lado das minhas estou a salvo  
(LEÃO, Ryane, 2017: 27)*

### **Considerações finais – entre a dor e a potência**

Clarice Lispector<sup>17</sup> (1970) dizia que o medo sempre a guiou para o que ela queria e, porque queria, tinha medo. Não sei se foi o medo que me trouxe até aqui. Acredito, por outro lado que, em todos os processos que vivi, a dor sempre me acompanhou. De algum modo, essa dor me levou para ventos revoltos, outros mais calmos. Estar na Academia, hoje, escrevendo meu terceiro trabalho de conclusão de um curso superior faz parte desses processos de dor. Isso, eu preciso dizer. Espero que me ouça sem julgamentos. Neste memorial de arte-dor, eu decidir romper com amarras que me puseram a vida toda e me dei a liberdade de, aqui também, poder me expressar artisticamente. Não quero ter que pensar ou elocubrar reflexões o texto inteiro, as palavras que reuno aqui são também da ordem do sentir. Cada vez que as solto, me liberto. Liberto-me, mas sinto-me perdida e o medo vem e me guia. E eu abraço forte o medo e a dor. Deixo que reverberem como música e transbordem pelas veias e capilares do texto.

Assim, a escrita deste memorial, que chamei de poético, me põe, de certa forma, num lugar de vazio. O discurso suprematista branco patriarcal, no qual foi fundada a cultura e pensamento ocidental hegemônico, não me contempla mais. Na verdade, nunca me contemplou e o que tenho buscado constantemente é justamente decolonizar esse olhar, desnaturalizar as “verdades” estabelecidas, que são demasiadamente construção humana. Percebo que, nesse movimento, o discurso acadêmico também não me contempla mais. Então, faço deste texto meu manifesto. Decidi escrevê-lo como um fluxo de pensamento, costurando temáticas que se relacionam, mas a partir de relações que não estão necessariamente dadas ou diretamente apontadas. Eu perdi tanto tempo querendo acertar, que tudo o que mais desejo hoje é errar. Do meu coração, desprende-se um profundo peso, eu não quero mais querer sempre acertar. Permiti-me romper. Muitas vezes, como mulher negra, precisei “acionar” o discurso acadêmico para ser ouvida. Todavia, escolhi o memorial como modalidade de trabalho de conclusão de curso justamente porque sentia a necessidade de romper com modelos, normas e prescrições. Se falo de arte e poesia, quero presente, aqui também, essa mesma arte e

---

17 “O medo sempre me guiou para o que eu quero. E porque eu quero, temo. Muitas vezes foi o medo que me tomou pela mão e me levou. O medo me leva ao perigo. E tudo o que eu amo é arriscado”. LISPECTOR, Clarice. Nos primeiros começos de Brasília. *Jornal do Brasil*, 20 de junho de 1970. In: *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, pp. 292-95.

poesia da qual falo. Não apenas no conteúdo, mas também na forma, na escrita, no texto, pois transbordam aqui meus sentimentos, minhas impressões, minha arte-afeto.

Há outros modos de ser e dizer que não apenas aquele orientado pela racionalidade. E são esses que venho me permitindo, recentemente. Acredito que há tantas coisas que contribuíram para minha formação como mulher-negra-artista-cineasta-e-arte-educadora-mãe que seria injusto traçar uma hierarquia e colocar o saber formal e o discurso academicista no topo. Lado a lado com minha formação acadêmica e profissional, Nicholas, meu pequeno de sete anos, me ensinou em muitos aspectos a entender a arte e a educação pelo olhar da criança, a ludicidade necessária em nossas ciências e devires, o afetar e ser afetado, o não dito, a alteridade de um outro lugar que não apenas o nosso. Eu aprendo muito com ele todos os dias, aprendo sobre a arte e a educação e a vida. Aprendo muito com os saberes não formais, não institucionalizados, não consolidados. Aprendo muito com a tradição oral, com os versos e a poesia e os provérbios e os saberes não “nobres”. E, definitivamente, a universidade não está no topo e não há, tão pouco, uma hierarquia ou um topo onde ela possa ou deva estar.

Neste texto, me permiti não ser impessoal e escrever em primeira pessoa. Abraçar todas as referências que minha mente, meus sentidos e meu corpo acolhem. Não sei se te incomoda, mas, aqui, eu me permito até mesmo falar com você, meu leitor-intelocutor invisível, tantas vezes falsamente ignorado.

*A gente trata mal nossos transgressores, as pessoas mais ousadas, as que não cabem em um quadrado. Além disso, Carolina [Maria de Jesus] é negra, ex-catadora de papel, e não há uma reportagem que não a chame de catadora de papel, mesmo ela sendo escritora e tendo publicado. Isso me parece um academicismo recheado, coberto de racismo.*

(LUCINDA, Elisa, *Revista Cult*, 29/06/2017)

Nos títulos do texto, me permito brincar como Rupi e deixo que todas as letras sejam tratadas da mesma forma. “Eu gosto de como isso é simples. Como é simétrico e absolutamente direto. Também sinto que há um nível de igualdade que essa visualidade traz ao trabalho. Uma representação visual do que eu quero ver mais de dentro do mundo: igualdade” (KAUR, Rupi, 2017, s.p.).

*Corpos* me/nos proporcionou bons encontros, que aumentaram nossa potência de agir, de afetar e ser afetado (SPINOZA, 1989). Descobrimos a potência de trabalhar

com uma equipe exclusivamente feminina e negra, e de assumir, em todas as esferas, o domínio da produção de nossas narrativas, nossas falas, nossa arte e nossa militância – e esse processo todo de descoberta foi, em muitos aspectos, pedagógico e formativo, para além das fronteiras dos espaços formais ou acadêmicos.

No contato com o público – ainda apenas por meio das redes sociais do projeto, uma vez que o filme ainda não foi totalmente finalizado e não teve uma exibição pública –, temos descoberto a capacidade do projeto/filme de se comunicar com meninas e mulheres negras. Por outro lado, as mulheres que ingressaram na equipe técnica do filme, no elenco ou que foram entrevistadas relataram sua identificação com as questões abordadas no roteiro, seja em suas próprias histórias de vida, de suas mães ou avós. Houve momentos em que os depoimentos das entrevistadas nos levaram às lágrimas, juntamente com elas, enquanto narravam suas histórias e memórias.

Outro afeto, que resultou desses bons encontros que me foi *Corpos*, foi a possibilidade de estabelecer um processo de criação coletiva e que fosse espaço de acolhimento, afeto e pertencimento entre mulheres negras, que é algo que, ousado dizer, é tão importante quanto o filme em si, porque foi nosso processo artístico e também pedagógico.

Acredito/ acreditamos no potencial do projeto como fomentador de debates cada vez mais fundamentais na sociedade brasileira e no mundo. Isto porque, além de abordar temáticas urgentes, que tratam das opressões e invisibilizações sociais do corpo negro feminino, contou com uma equipe exclusivamente feminina e negra – desde as funções de assistência às de direção de equipe, das criativas às mais técnicas ou de domínio de tecnologias –, e com uma roteirista e diretora negra no contexto de um audiovisual majoritariamente branco e masculino. Segundo pesquisa apresentada pela ANCINE, em 2018<sup>18</sup>, nenhum dos 142 filmes brasileiros lançados comercialmente em salas de exibição no ano de 2016 foi dirigido ou roteirizado por uma mulher negra. Os dados mostram ainda que os homens brancos detêm a função de diretor em 75,4% dos filmes e as mulheres brancas assinam a direção de 19,7% dos filmes, enquanto apenas 2,1% foram dirigidos por homens negros. O problema da desigualdade social, de gênero e raça no país pode ser claramente verificado no mercado cinematográfico brasileiro, e

---

<sup>18</sup> ANCINE – Agência Nacional do Cinema. *Diversidade de Gênero e Raça nos Laçamentos Brasileiros de 2016*. Rio de Janeiro: Ancine, SAM - Superintendência de Análise de Mercado e CCV - Coordenação de Monitoramento de Cinema, Vídeo Doméstico e Vídeo por Demanda, 2018. Disponível em: <<https://www.ancine.gov.br/sites/default/files/apresentacoes/Apresenta%C3%A7%C3%A3o%20Diversidade%20FINAL%20EM%2025-01-18%20HOJE.pdf>>. Acesso em 25 de janeiro de 2018, às 16h15min.

não se restringe apenas aos cargos de roteirista e diretora, mas também pode ser verificado na seleção dos elencos e equipes técnicas dos filmes, tanto nacionais quanto internacionais. Iniciativas da natureza deste projeto abrem espaços para que outras mulheres negras alcem vôo e alcancem a mesma conquista, contribuindo, assim, em alguma medida, para a diminuição da desigualdade, que é característica fundamental do cinema brasileiro. Buscamos, desse modo também, colaborar com uma melhor representatividade de mulheres negras nas telas e por trás delas.

Nesse processo de fazer e aprender umas com as outras, criamos espaços de convivência, fortalecimento e potencialização de ações, projetos de mundo e de vida de mulheres negras. Entre os pontos em comum abordados nas entrevistas, que, cabe dizer, foram captadas individualmente, estiveram a solidão da mulher negra, o preterimento e a hostilidade que recebemos em vários espaços sociais, especialmente o escolar e acadêmico. Em mais de uma ocasião, ao final das entrevistas, mulheres da equipe técnica do filme compartilharam com as entrevistadas gestos de afeto e acolhimento ao verbalizar que se identificaram com vários pontos de seu relato ou depoimento – entre eles, a hostilidade à presença de pessoas negras na Academia, esse lugar onde não encontramos tantas iguais. Mas essa não é uma das dores que não se curam, porque já aprendemos a nos curar uma nas outras e, agora que perdemos o medo de gritar, não vamos mais nos calar.

## Referências

ANCINE – Agência Nacional do Cinema. **Diversidade de Gênero e Raça nos Laçamentos Brasileiros de 2016**. Rio de Janeiro: Ancine, SAM - Superintendência de Análise de Mercado e CCV - Coordenação de Monitoramento de Cinema, Vídeo Doméstico e Vídeo por Demanda, 2018. Disponível em:

<https://www.ancine.gov.br/sites/default/files/apresentacoes/Apresenta%C3%A7%C3%A3o%20Diversidade%20FINAL%20EM%2025-01-18%20HOJE.pdf>>. Acesso em 25 de janeiro de 2018, às 16h15min.

ANCINE – Agência Nacional do Cinema. **Diversidade de Gênero e Raça nos Longas-metragens Brasileiros Lançados em Salas de Exibição 2016**. Rio de Janeiro: OCA – Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual, 01/06/2018. Disponível em: <[https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/informe\\_diversidade\\_2016.pdf](https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/informe_diversidade_2016.pdf)>.

Acesso em: 25 de novembro de 2019, às 00h33min.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Governo. **Índice de vulnerabilidade juvenil à violência 2017: desigualdade racial, municípios com mais de 100 mil habitantes / Secretaria de Governo da Presidência da República, Secretaria Nacional de Juventude e Fórum Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017. Disponível em:

<[http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/10/FBSP\\_Vulnerabilidade\\_Juveni\\_Violencia\\_Desigualdade\\_Racial\\_2017\\_Relat%C3%B3rio.pdf](http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/10/FBSP_Vulnerabilidade_Juveni_Violencia_Desigualdade_Racial_2017_Relat%C3%B3rio.pdf)>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2018, às 16h21min.

CORPO Manifesto, SP, 2016. Dir. Carol Araújo. In: PORTAL Curtas. Disponível em: <[http://portacurtas.org.br/filme/?name=corpo\\_manifesto](http://portacurtas.org.br/filme/?name=corpo_manifesto)>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2018, às 13h59min.

DAVIS, Angela. In: EL PAÍS. Salvador, 27 de julho de 2017. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503\\_610956.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html)>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2018, às 15h35min.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016 [1981].

DE MELO, Doriam Luis Borges; CANO, Ignácio (orgs). **Índice de Homicídios na Adolescência: IHA 2014**. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2017. Disponível em: <<http://www.crianca.mppr.mp.br/pagina-1192.html>>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2018, às 22h11min.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FÓRUM Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**, ano 13, São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019. Disponível em: <[http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL\\_21.10.19.pdf](http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL_21.10.19.pdf)>. Acesso em: 23 de novembro de 2019, às 18h50min.

FRANCO, Marielle. [Entrevista]. “Ser mulher negra é resistir e sobreviver o tempo todo”. In: PITASSE, Mariana. **Brasil de Fato**, março de 2017. Disponível: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/03/15/marielle-franco-or-ser-mulher-negra-e-resistir-e-sobreviver-o-tempo-todo/>>. Acesso em: 18 de março de 2018, às 23h51min.

HOOKS, Bell. **Vivendo de Amor**. Tradução de Maísa Mendonça. In: GELEDÉS, 09/03/2010 [2006]. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2018, às 21h53min.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010**: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd\\_2010\\_religiao\\_deficiencia.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf)>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2018, às 17h45min.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. **Atlas da Violência 2018**. Brasília: IPEA, Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, junho de 2018. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/180604\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2018.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf)>. Acesso em: 02 de março de 2018, às 17h08min.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Ministério do Trabalho e Previdência Social. **Mercado de trabalho**: conjuntura e análise. V. 1, n. 0, (mar. 1996-2016). Brasília: IPEA: MTPS, 1996-2016. Disponíveis em: [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_alphacontent&view=alphacontent&Itemid=144](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_alphacontent&view=alphacontent&Itemid=144)>. Acesso em: 02 de março de 2018, às 18h41min.

JESUS, Jessica Oliveira de. A Máscara. **Cadernos de Literatura em Tradução**, n. 16, pp. 171-180, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/clt/article/view/115286/112968>>. Acesso em: 22 de outubro de 2019, às 18h30min.

KILOMBA, Grada. The Mask. **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. Münster: Unrast Verlag, 2ª Edição, 2010.

LEÃO, Ryane. **Tudo nela brila e queima**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

LISPECTOR, Clarice. Nos primeiros começos de Brasília. *Jornal do Brasil*, 20 de junho de 1970. In: **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, pp. 292-95.

LUCINDA, Elisa. [Entrevista]. In: POMPERMAIER, Paulo Henrique. Carolina Maria de Jesus tem obra e legado discutidos em ciclo de palestras. **Revista Cult**, 29 de junho de 2017. Disponível: <https://revistacult.uol.com.br/home/carolina-maria-de-jesus-obraelegado/?fbclid=IwAR2R7poXfrUtgMw8FlAmknOF9cjT4ADHgVRehDJ5drTwc0OpQRVCtUkvNk>. Acesso em: 03 de novembro de 2019, às 17h11min. Acesso em: 03 de março de 2018, às 20h34min.

MARCONDES, Mazzini [et. al.]. **Dossiê mulheres negras**: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Brasília: Ipea, 2013. Disponível em: <[http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro\\_dossie\\_mulheres\\_negras.pdf](http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_dossie_mulheres_negras.pdf)>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2018, às 22h34min.

KAUR, Rupir. [Entrevista]. In: BANDEIRA, Débora. Conheça a poesia de Rupir Kaur. Fala! Puc. **Fala! Universidades**, 27 de julho de 2017. Disponível em: <<https://falauniversidades.com.br/poesia-rupi-kaur/>>. Acesso em: 02 de outubro de 2019, às 22h43min.

PREVIDÊNCIA. Ministério da Economia. **TRABALHO: Pesquisa aponta diagnóstico sobre as mulheres no mercado de trabalho**, 11/03/2016. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_alphacontent&view=alphacontent&Itemid=144](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_alphacontent&view=alphacontent&Itemid=144)>. Acesso em: 02 de março de 2018, às 18h37min.

RIBEIRO, Djamilia. A solidão institucional. In: **Folha de São Paulo**, 01 de novembro de 2011. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/djamila-ribeiro/2019/11/a-solidao->

institucional.shtml?fbclid=IwAR0RpGzgVu3M1znZ4tRMxrkBdqPlsodQ1e8uZ8sYrDoKfGm1dYgiLPSjkTA>. Acesso em: 03 de novembro de 2019, às 14h46min.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

ROLNIK, Raquel. Territórios Negros nas Cidades Brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro). In: SANTOS, Renato Emerson do (org.). **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais**. O Negro na Geografia do Brasil. Belo Horizonte/ São Paulo: Autêtica, 2007. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4627715/mod\\_resource/content/1/OB\\_ROLNIK%20-%202007%20-%20Territ%C3%B3rios%20Negros%20nas%20cidades%20brasileiras](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4627715/mod_resource/content/1/OB_ROLNIK%20-%202007%20-%20Territ%C3%B3rios%20Negros%20nas%20cidades%20brasileiras)>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2018, às 20h46min.

SILVA, Ariane; MARTINELLI, Flávia; CARDOSO, Monise. Entre o machismo e o racismo. **Revista AzMina**, 20 de novembro de 2019. Disponível em: <<https://azmina.com.br/especiais/entre-machismo-e-racismo-mulheres-negras-sao-as-maiores-vitimas-de-violencia/>> Acesso em: 23 de novembro de 2019, às 19h39min.

SPINOZA, Baruch. Ética. Demonstrada à Maneira dos Geômetras. In: **Os pensadores. Volume II**. 4ª Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

TAVARES, Ana Paula. Como veias finas na terra. In: **Amargos como os frutos** - Poesia reunida, Rio de Janeiro: Pallas, 2011, p. 242.

TRAVIA, Ana Julia. [Entrevista]. In: BRASIL, Samantha; ALMEIDA, Catarina. **A Lente Escarlate**, 24 de janeiro de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=77vh9hsmZ3w&feature=youtu.be>>. Acesso em: 27 de janeiro de 2018, às 21h17min.

TRUTH, Sojourner. **E eu não sou uma mulher?** Tradução de Osmundo Pinho. In: GELEDES, 08/01/2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2018, às 10h43min.

## **ANEXO**

***A mulher negra guerreira está morta...***  
(Laini Mataka)

Tradução de *The strong black woman is dead...*

Título original: *Being a strong Black woman can get U killed*, publicado em livro homônimo em 2000.

*Há poucas horas, enquanto lutava com a realidade de ser humana e não um mito, a mulher negra guerreira faleceu.*

*Fontes médicas afirmam que ela morreu de causas naturais, mas os que a conheceram sabem que ela morreu por ficar em silêncio quando deveria ter gritado; por sorrir quando deveria ter liberado sua fúria; e por esconder sua doença para não incomodar a ninguém com sua dor.*

*Ela morreu de overdose de gente em suas costas quando não tinha energia nem para si mesma.*

*Ela morreu de tanto amar homens que não amavam a eles próprios e que a única coisa que lhe davam em troca era um reflexo distorcido.*

*Ela morreu por criar filhos sozinha e por não poder fazer todo o serviço.*

*Ela morreu por causa das mentiras sobre a vida, os homens e racismos que sua avó contou à sua mãe e sua mãe lhe contou.*

*Ela morreu por ser sexualmente molestada quando criança e por ter que carregar a verdade consigo pelo resto da vida, trocando sempre a humilhação por culpa.*

*Ela morreu de tanto ser espancada por alguém que dizia amá-la, e ela permitia que o espancamento continuasse para mostrar que também amava esse alguém.*

*Ela morreu de asfixia, cuspiendo sangue por causa dos segredos que guardava tentando abafá-los em vez de se permitir a crise de nervos que lhe era de direito – mas que só as mulheres brancas podem se dar ao luxo de ter.*

*Ele morreu de tanto ser responsável, porque ela era o último degrau de uma escada sem apoios e não havia ninguém que pudesse ampará-la.*

*A mulher negra guerreira está morta. Morreu por causa dos tantos partos de crianças que ela na verdade nunca quis, mas que a moral estranguladora dos que a cercam obrigou-a a ter.*

*Ela morreu por ter sido mãe aos 15, avó aos 30 e um antepassado aos 45.*

*Ela morreu por ter sido derrubada e tiranizada por mulheres não-evoluídas que se diziam sisters, companheiras.*

*Ela morreu por fingir que a vida que levava no século XXI era um momento Kodak e não um pesadelo pós-escravidão.*

*Ela morreu por tolerar qualquer zé mané só para ter um homem em casa.*

*Ela morreu por falta de orgasmos, porque nunca soube de suas reais capacidades.*

*Ela morreu por causa dos joelhos dolorosamente comprimidos um contra o outro, porque respeito nunca fez parte das preliminares sexuais que lhe eram impostas.*

*Ela morreu por causa da solidão nas salas de parto e abandono nas clínicas de aborto.*

*Ela morreu por causa da comoção nos tribunais onde sentava-se, sozinha, vendo seus filhos serem legalmente linchados.*

*Ela morreu nos banheiros com as veias irreversivelmente abertas pelo descaso geral e pelo ódio que sentia por si mesma.*

*Ela teve morte cerebral combatendo a vida, o racismo, os homens, enquanto seu corpo era arrastado para um matadouro humano para ser espiritualmente mutilado.*

*E algumas vezes quando se recusou a morrer, quando apenas se recusou a entregar os pontos, ela foi assassinada pelas imagens fatais de cabelos loiros, olhos azuis e bundas chapadas, enquanto era rejeitada por homens da sua cor e raça.*

*Às vezes, ela era arrastada para a morte pelo racismo e pelo sexismo, executada pela ignorância hi-tech enquanto carregava a família na barriga, a comunidade na cabeça, e a raça nas costas.*

*A escandalosa mulher guerreira sem voz está morta!*

*Ou ela está viva e se mexendo?*

*Eu sei que eu ainda estou aqui.*